

O LADO FEIO DO AMOR

(Ugly Love)

COLLEEN HOOVER

Tradução
Priscila Catão

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H759s Hoover, Colleen
O lado feio do amor: Ugly love / Colleen Hoover; tradução
Priscila Catão. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

Tradução de: Ugly love
ISBN 978-85-01-10573-8

1. Romance americano. I. Catão, Priscila. II. Título.

15-23628

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original em inglês:
Ugly Love

Copyright © 2014 Colleen Hoover

Copyright da edição em português © 2015 Editora Record Ltda.

Publicado mediante acordo com a editora original,
Atria Books, um selo da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo: Abreu's System
Adaptação de capa: Renata Vidal

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-01-10573-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Às minhas duas melhores amigas do mundo,
que por acaso também são minhas irmãs,
Lin e Murphy*

capítulo um

TATE

— Alguém esfaqueou seu pescoço, mocinha.

Meus olhos se arregalam, e me viro lentamente para o senhor idoso parado ao meu lado. Ele aperta o botão do elevador e se volta para mim, então sorri e aponta para meu pescoço.

— Sua marca de nascença — explica.

Instintivamente, ergo a mão e toco a marca do tamanho de uma moeda que fica abaixo da minha orelha.

— Meu avô dizia que o local da marca de nascença de uma pessoa revelava a história de como ela perdeu a batalha na vida passada. Pelo jeito, você levou uma facada no pescoço. Mas aposto que foi uma morte rápida.

Sorrio, mas não sei se devo achar graça ou ficar com medo. Apesar de ter puxado papo de uma maneira um tanto mórbida, não vejo como esse senhor pode ser muito perigoso. Sua postura curvada e trêmula indica que não tem menos de 80 anos. Ele dá alguns passos lentos na direção de uma das duas cadeiras de

veludo encostadas na parede ao lado do elevador, então solta um grunhido ao se acomodar, e olha para mim mais uma vez.

— Vai para o décimo oitavo andar?

Meus olhos estreitam-se enquanto assimilo a pergunta. Por alguma razão, ele sabe para que andar estou indo, apesar de ser a primeira vez que piso nesse prédio e de, definitivamente, ser a primeira vez que vejo esse homem.

— Sim — digo, cautelosamente. — O senhor trabalha aqui?

— Na verdade, trabalho.

Ele indica o elevador com a cabeça, e meu olhar segue os números iluminados. Onze andares para chegar. Espero que seja rápido.

— Eu aperto o botão do elevador — diz ele. — Acho que meu trabalho não tem um nome oficial, mas gosto de dizer que sou capitão de voo, pois faço as pessoas subirem até vinte andares no ar.

Sorrio com as palavras dele, pois tanto meu irmão quanto meu pai são pilotos.

— Há quanto tempo é capitão de voo aqui? — pergunto, enquanto espero.

Juro que esse maldito elevador é o mais lento que já vi.

— Desde que fiquei velho demais para cuidar da manutenção do prédio. Trabalhei aqui por 32 anos antes de me tornar capitão. Faço as pessoas voarem há mais de quinze se não me engano. O dono me deu esse trabalho por pena, para me manter ocupado até eu morrer. — Ele sorri para si mesmo. — O que não percebeu foi que Deus me deu muitas missões importantes para cumprir na vida, e, nesse momento, estou tão atrasado com elas que *nunca* vou morrer.

Percebo que estou rindo quando a porta do elevador finalmente se abre. Estendo o braço, seguro a alça da minha mala e me viro para ele mais uma vez antes de entrar.

— Qual o seu nome?

— Samuel, mas pode me chamar de Cap. Todos me chamam assim.

— Tem alguma marca de nascença, Cap?

Ele sorri.

— Na verdade, tenho. Parece que, na minha vida passada, levei um tiro bem na bunda. Devo ter sangrado até a morte.

Sorriso e levo a mão à testa, cumprimentando o capitão com a devida continência. Entro no elevador e me viro para as portas abertas, admirando o luxo da portaria. Parece mais um hotel histórico do que um prédio residencial, com colunas grossas e chão de mármore.

Quando Corbin me deixou ficar em sua casa até que eu encontrasse um emprego, eu não fazia ideia de que ele vivia como um adulto de verdade. Achei que seria como da última vez em que o visitei, logo depois de me formar no colégio. Na época, ele tinha começado a estudar para tirar a licença de piloto. Isso foi há quatro anos, e era um prédio meio esquisito de dois andares. Mais ou menos o que eu estava esperando hoje.

Não imaginava de maneira alguma um enorme arranha-céu bem no centro de São Francisco.

Encontro o painel e aperto o botão do 18º andar, depois olho para a parede espelhada do elevador. Passei o dia anterior e boa parte daquela manhã guardando tudo que havia no meu apartamento em San Diego. Felizmente, não tenho muitas coisas. Mas depois de dirigir sozinha 800 quilômetros, a exaustão está bem nítida no meu reflexo. O cabelo está preso com um lápis num coque frouxo no topo da cabeça, pois não consegui encontrar um elástico enquanto dirigia. Normalmente, meus olhos são tão castanhos quanto meu cabelo cor de avelã, mas agora estão uns dez tons mais escuros, graças às olheiras que os acompanham.

Coloco a mão na bolsa e pego um protetor labial na esperança de salvar meus lábios antes que acabem ficando com uma aparência tão desgastada quanto o resto de mim. Assim que as portas do elevador começam a se fechar, elas se abrem novamente. Um rapaz caminha apressado na direção dos elevadores, preparando-se para seguir em frente enquanto cumprimenta o senhor.

— Valeu, Cap.

Não consigo ver Cap de dentro do elevador, mas ouço-o responder com um grunhido. Não parece nem um pouco a fim de puxar papo como fez comigo. Esse cara aparenta ter uns 30 anos, no máximo. Sorri para mim, e sei exatamente o que está pensando, pois acabou de colocar a mão esquerda no bolso.

A mão com a aliança.

— Décimo andar — fala, sem tirar os olhos de mim. Seu olhar desce até o pequeno decote da minha camisa e depois passa para a mala ao meu lado. Aperto o botão do décimo andar. *Devia ter vindo de suéter.* — Está se mudando pra cá? — pergunta, encarando descaradamente minha camisa mais uma vez.

Faço que sim, mas duvido que ele tenha percebido, pois seu olhar empacou bem longe do meu rosto.

— Que andar?

Ab, não, nem vem. Estendo o braço e cubro todos os botões do painel com as mãos para esconder o botão do 18º aceso, então pressiono todos os botões entre o dez e o dezoito.

Ele olha para o painel, confuso.

— Não é da sua conta.

Ele ri.

Acha que estou brincando.

O homem ergue a sobranceira escura e grossa. É uma bela sobranceira. E está num belo rosto, que está numa bela cabeça, que está num belo corpo.

Num corpo *casado*.

Babaca.

Sorri sedutoramente após perceber que dei uma conferida nele; só que não foi pelo motivo que ele está pensando. Eu estava me perguntando metalmente quantas vezes esse corpo pressionou alguma moça que não era a sua esposa.

Sinto pena dela.

Ele está olhando para o meu decote mais uma vez quando chegamos ao décimo andar.

— Posso ajudá-la com isso — oferece, inclinando a cabeça na direção da minha mala.

A voz dele é gostosa. Pergunto-me quantas garotas já se entregaram a essa voz casada. Ele se aproxima de mim e estende o braço na direção do painel, apertando corajosamente o botão que fecha as portas.

Encaro-o e aperto o botão para abri-las.

— Eu me viro.

Ele assente como se entendesse, mas ainda há um brilho malicioso em seus olhos, que me confirma que não fui com a cara dele. O homem sai do elevador e se vira para mim antes de se afastar.

— Até mais, Tate — diz, enquanto as portas se fecham.

Franzo a testa, constrangida porque as duas pessoas com quem interagi desde que entrei nesse prédio já sabem quem sou.

Continuo sozinha no elevador, parando em todos os andares até chegar ao meu. Saio, tiro o telefone do bolso e abro as mensagens de Corbin. Não lembro qual era o número do apartamento. Ou é 1816 ou 1814.

Talvez 1826?

Paro na frente do 1814, pois tem um homem apagado no chão do corredor, recostado à porta do 1816.

Por favor, não seja o 1816.

Encontro a mensagem no telefone e tenho um calafrio. É o 1816.

Claro que é.

Aproximo-me da porta lentamente, torcendo para não acordar o cara. Suas pernas estão esparramadas para a frente, e ele está encostado na porta de Corbin, com o queixo no peito, roncando.

— Com licença — digo, bem baixinho.

Ele não se move.

Ergo a perna e cutuco seu ombro com o pé.

— Preciso entrar nesse apartamento.

Ele se mexe e abre lentamente os olhos, encarando minhas pernas à frente.

Seus olhos encontram meus joelhos, e ele franze as sobrancelhas enquanto se inclina vagarosamente para a frente, enrugando bastante a testa. Ergue a mão e cutuca meu joelho com o dedo, quase como se nunca tivesse visto um joelho antes. Então afasta a mão, fecha os olhos e cai de novo contra a porta, voltando a dormir.

Maravilha.

Corbin só volta amanhã, então disco o número dele para saber se devo me preocupar com esse cara ou não.

— Tate? — atende, sem nem sequer dizer alô.

— É. Cheguei bem, mas não consigo entrar porque tem um bêbado apagado aqui na sua porta. Alguma sugestão?

— 1816? Tem certeza de que está no apartamento certo?

— Sim.

— Tem certeza de que ele está bêbado?

— Sim.

— Que estranho. O que está vestindo?

— Por que quer saber isso?

— Se estiver de uniforme de piloto, provavelmente mora no prédio. A nossa companhia aérea tem um contrato com o prédio.

O cara não está com nenhum uniforme, mas é inevitável perceber que a calça jeans e a camisa preta ficaram muito bem nele.

— Sem uniforme — confirmo.

— Consegue passar por ele sem acordá-lo?

— Precitaria arrastá-lo. Ele vai cair para dentro do apartamento se eu abrir a porta.

Corbin fica em silêncio por alguns segundos enquanto pensa.

— Vá lá embaixo e chame o Cap — sugere. — Avisei que você chegaria hoje à noite. Ele pode ficar do seu lado até você conseguir entrar.

Suspiro, porque passei seis horas dirigindo e não estou nada a fim de voltar lá para baixo agora. E também porque Cap

provavelmente é a última pessoa capaz de me ajudar nessa situação.

— Fique ao telefone comigo até eu entrar.

Gosto bem mais do meu plano. Seguro o telefone contra o ouvido com o ombro e procuro na bolsa a chave que Corbin me mandou. Coloco-a na fechadura e começo a abrir a porta, mas o bêbado começa a cair para trás a cada centímetro que a porta abre. Ele solta um grunhido, mas não abre os olhos.

— Uma pena estar bêbado — digo para Corbin. — Ele não é feio.

— Tate, entra logo e tranca a porta, porque eu quero desligar.

Reviro os olhos. Ele continua sendo o mesmo mandão de sempre. Sabia que morar com meu irmão não seria bom para o nosso relacionamento; quando éramos mais novos, ele agia como se fosse meu pai. Mas não tive tempo de encontrar emprego, achar apartamento e me acomodar antes de minhas novas aulas começarem, então não tive muita escolha.

Mas espero que agora as coisas sejam diferentes entre nós. Corbin está com 25 anos, e eu, com 23. Se nossa relação não melhorar nem um pouco, significa que ainda temos muito o que amadurecer.

Acho que vai depender mais de Corbin se mudou desde a última vez que moramos juntos. Ele criava problema com todo mundo com quem eu saía, todos os meus amigos e com todas as minhas escolhas — até com a universidade em que eu queria estudar. Não que eu ligasse para a opinião dele. A distância e o tempo que passamos separados parecem ter feito com que meu irmão me deixasse em paz nos últimos anos, mas voltarmos a morar juntos será a prova final para a nossa paciência.

Penduro a bolsa no ombro, mas ela fica presa na alça da mala, então a deixo cair no chão. Continuo segurando firme a maçaneta com a mão esquerda e fecho a porta, para que o rapaz não caia por inteiro dentro do apartamento. Pressiono o pé no ombro dele, afastando-o do centro da porta.

O cara não se mexe.

— Corbin, ele é pesado demais. Preciso desligar para usar as duas mãos.

— Não, não desligue. Coloque o telefone no bolso, mas não desligue.

Olho para o blusão e a legging que estou vestindo.

— Não tenho bolso. Você vai para o sutiã.

Corbin finge que vai vomitar enquanto afasto o telefone do ouvido e o enfito dentro do sutiã. Tiro a chave da fechadura e a solto na direção da bolsa, mas erro o alvo, e ela cai no chão. Estendo o braço para baixo, na tentativa de segurar o bêbado e afastá-lo do meu caminho.

— Vamos lá, cara — digo, fazendo força para afastá-lo do centro da porta. — Foi mal interromper seu cochilo, mas preciso entrar nesse apartamento.

De alguma maneira, consigo erguê-lo e encostá-lo no batente da porta para impedir que ele caia dentro do apartamento. Em seguida, abro-a um pouco mais e me viro para pegar minhas coisas.

Alguma coisa quente segura meu tornozelo.

Fico paralisada.

Olho para baixo.

— Me solte! — grito, chutando a mão que está agarrando o meu tornozelo com tanta força que tenho certeza que vai deixar um hematoma.

Agora o bêbado está olhando para mim, e sua força me faz cair dentro do apartamento enquanto tento me afastar dele.

— Preciso entrar aí — murmura ele, enquanto minha bunda bate no chão. Ele tenta abrir a porta com a outra mão, me deixando em pânico imediatamente. Puxo minhas pernas para dentro do apartamento e a mão dele vem comigo. Uso a perna livre para fechar a porta com um chute, batendo-a bem no pulso dele.

— Merda! — grita.

Ele está tentando puxar a mão de volta para o corredor, mas meu pé continua pressionando a porta. Diminuo a força o suficiente para que ele se solte, e na mesma hora chuto a porta para

fechá-la de vez. Então me levanto, tranco a porta, fecho o trinco e passo o ferrolho o mais rápido possível.

Assim que desacelera um pouco, meu coração começa a gritar comigo.

Meu coração está mesmo gritando comigo.

Com uma voz grave e masculina.

Parece gritar:

— Tate! Tate!

Corbin.

Olho imediatamente para o peito e tiro o telefone do sutiã, levando-o ao ouvido.

— Tate! Me responde!

Contorço-me e afasto o telefone vários centímetros do ouvido.

— Estou bem — respondo, ofegante. — Estou aqui dentro. Tranquei a porta.

— Cacete! — exclama, aliviado. — Quase me matou de susto. O que diabos aconteceu?

— Ele estava tentando entrar. Mas tranquei a porta.

Acendo a luz da sala de estar e dou três passos antes de parar bruscamente.

Que beleza, Tate.

Viro-me lentamente para a porta após perceber o que fiz.

— Hum. Corbin? — chamo, e faço uma pausa. — Deixei lá fora algumas coisas de que vou precisar. Até poderia pegá-las, mas por algum motivo, o bêbado está achando que precisa entrar aqui, então não vou abrir a porta de novo nem a pau. Alguma sugestão?

Meu irmão fica em silêncio por alguns segundos.

— O que deixou no corredor?

Não quero, mas respondo:

— Minha mala.

— Meu Deus, Tate — murmura ele.

— E... minha bolsa.

— Por que diabos sua *bolsa* está lá fora?

— E pode ser que também tenha deixado a chave do apartamento no chão do corredor.

Ele nem responde à última frase. Só solta um gemido.

— Vou ligar para Miles e ver se ele já chegou. Me dê dois minutos.

— Espera. Quem é Miles?

— Ele mora no apartamento da frente. Aconteça o que acontecer, só abra a porta quando eu ligar de novo.

Corbin desliga, e eu me recosto na porta.

Moro em São Francisco há apenas trinta minutos e já estou enchendo o saco dele. Era de se esperar. Vou ter sorte se puder ficar aqui até encontrar um emprego. Espero que não demore, pois me candidatei a três vagas de enfermeira no hospital mais próximo. Talvez isso signifique trabalhar à noite, nos fins de semana ou nos dois, mas aceito qualquer coisa para não precisar usar a minha poupança enquanto volto a estudar.

O telefone toca. Deslizo o dedo pela tela e atendo.

— Oi.

— Tate?

— Sim — respondo, me perguntando por que ele sempre confere se sou eu mesma.

Ele ligou para *mim*, então quem mais atenderia com a voz idêntica a minha?

— Falei com Miles.

— Ótimo. Ele vai me ajudar a pegar minhas coisas?

— Não exatamente. Eu meio que preciso que você me faça um grande favor.

Minha cabeça encosta na porta novamente. Tenho a impressão de que os próximos meses serão cheios de favores inconvenientes, pois ele sabe que me dar abrigo aqui é uma ajuda e tanto. Lavar louça? Confere. Lavar as roupas de Corbin? Confere. Ir mercado para Corbin? Confere.

— O que é?

— Miles está meio que precisando da sua ajuda.

— O vizinho? — Paro de falar assim que a ficha cai e fecho os olhos. — Corbin, não me diga que o cara que você chamou para me proteger do bêbado é o próprio bêbado.

Corbin suspira.

— Preciso que destranque a porta e o deixe entrar. Deixe que durma no sofá. Chego bem cedo amanhã. Quando ficar sóbrio, ele vai perceber onde está e vai direto para casa.

Balanço a cabeça.

— Que prédio é esse em que você está morando? Preciso me preparar para ser apalpada por bêbados toda vez que chegar em casa?

Uma longa pausa.

— Ele apalpou você?

— “Apalpar” talvez seja exagero. Mas ele agarrou meu tornozelo.

Corbin solta outro suspiro.

— Só faça isso por mim, Tate. Me ligue de novo quando tiver colocado Miles e as suas coisas para dentro de casa.

— Está bem — respondo com um grunhido, percebendo a preocupação em sua voz.

Desligo o telefone e abro a porta. O bêbado cai em cima do próprio ombro, e o celular desliza da mão e cai no chão ao lado de sua cabeça. Deito-o de costas e olho para ele, que abre os olhos e tenta olhar para mim, mas suas pálpebras se fecham novamente.

— Você não é Corbin — murmura ele.

— Não. Não sou. Mas sou sua nova vizinha, e pelo jeito você já está me devendo no mínimo cinquenta xícaras de açúcar.

Ergo-o pelos ombros e tento fazer com que ele se sente, mas não dá certo. Na verdade, acho que ele nem consegue sentar. Como uma pessoa fica assim tão bêbada?

Agarro suas mãos e o puxo para dentro do apartamento, centímetro por centímetro, parando apenas quando ele entra o suficiente para que eu consiga fechar a porta. Pego minhas coisas no corredor, fecho e tranco a porta. Tiro uma almofada do sofá, ergo

a cabeça dele e o viro de lado, para o caso de ele vomitar durante o sono.

E é apenas isso que vou fazer por ele.

Depois que ele está confortavelmente adormecido no meio da sala de estar, deixo-o sozinho e vou dar uma olhada no apartamento.

Só nessa sala caberiam três salas do antigo apartamento de Corbin. A de jantar é aberta para a de estar, mas a cozinha é separada por uma bancada. Há vários quadros modernos espalhados pelo cômodo, e os sofás grossos e felpudos cor de canela contrastam com os quadros vibrantes. Da última vez que morei com meu irmão, havia um sofá-cama, um pufe e pôsteres de modelos nas paredes.

Acho que ele finalmente está amadurecendo.

— Muito impressionante, Corbin — elogio em voz alta, enquanto vou de um cômodo para outro e acendo todas as luzes, inspecionando o que acabou de se tornar meu lar temporário.

Eu meio que odeio o fato de o apartamento ser tão legal. Assim fica mais difícil querer encontrar meu próprio lugar depois que juntar dinheiro suficiente.

Entro na cozinha e abro a geladeira. Há uma fileira de condimentos na porta, uma caixa de pizza na prateleira do meio e uma garrafa de leite completamente vazia na prateleira superior.

Claro que ele não tem comida. Não dava para esperar que a mudança tivesse sido *completa*.

Pego uma garrafa d'água e saio da cozinha para procurar o quarto em que vou morar nos próximos meses. Há dois deles, então entro no que não é o de Corbin e coloco minha mala na cama. Tenho mais três malas e pelo menos mais seis caixas no carro, sem falar em todas as roupas nos cabides, mas não vou cuidar disso hoje à noite. Corbin disse que estaria de volta pela manhã, então vou deixar que ele resolva isso.

Coloco uma calça de moletom e uma regata, escovo os dentes e me preparo para dormir. Normalmente, ficaria nervosa por

ter um desconhecido no mesmo apartamento que eu, mas sinto que não preciso me preocupar. Corbin nunca pediria para que eu ajudasse alguém se achasse que isso representaria algum risco para mim. O que me deixa confusa, porque, se Miles costuma se comportar assim, fico surpresa por Corbin ter pedido para que o trouxesse para dentro de casa.

Meu irmão nunca confiou em rapazes interessados em mim, e, na minha opinião, isso é culpa de Blake, meu primeiro namorado sério e o melhor amigo de Corbin. Blake tinha 17 anos, e eu, 15, e passei meses muito a fim dele. Claro que minhas amigas e eu éramos muito a fim da maioria dos amigos de Corbin, só porque eram mais velhos do que nós.

Blake ia lá para casa na maioria dos fins de semana para passar a noite com Corbin, e nós sempre arranjávamos uma maneira de ficar juntos quando meu irmão não estava prestando atenção. Uma coisa foi levando à outra, e, depois de vários fins de semana às escondidas, Blake me disse que queria oficializar o namoro. O problema foi que ele não previu a reação de Corbin quando seu melhor amigo partisse meu coração.

E, caramba, ele partiu mesmo. Tanto quanto era possível para uma garota de 15 anos em um namoro secreto de duas semanas. O caso era que Blake estava namorando oficialmente várias garotas durante essas duas semanas. Quando meu irmão descobriu, a amizade dos dois acabou e Corbin avisou a todos os seus amigos quem nem chegassem perto de mim. Foi quase impossível ter um namorado no colégio antes do meu irmão finalmente se mudar. E, mesmo depois, os garotos tinham ouvido as histórias de terror e achavam melhor ficar bem longe da irmã caçula de Corbin.

Por mais que eu odiasse aquilo na época, agora seria maravilhoso. Já cansei de namoros que deram errado depois do colégio. Morei com meu último namorado por mais de um ano antes de percebermos que queríamos coisas diferentes para o futuro: ele queria que eu ficasse em casa; eu queria uma carreira.

Então agora estou aqui. Focando no mestrado em enfermagem e fazendo o possível para evitar namoros. Talvez morar com Corbin não seja tão ruim no fim das contas.

Volto à sala para apagar as luzes, mas paro imediatamente.

Miles não apenas se levantou, como está na cozinha, com a cabeça apoiada nos braços dobrados na bancada. Está sentado na beira de um dos bancos do balcão, parecendo que vai cair a qualquer segundo. Não sei se está dormindo de novo ou se está apenas tentando se recuperar.

— Miles?

Ele não se mexe depois que o chamo, então me aproximo, toco delicadamente seu ombro e o balanço para acordá-lo. No segundo em que meus dedos apertam o ombro, ele arqueja e se empertiga, como se eu tivesse acabado de acordá-lo de um sonho.

Ou pesadelo.

Imediatamente, desce do banco com as pernas bastante instáveis e começa a balançar, então joga o braço dele por cima do ombro e tento levá-lo para fora da cozinha.

— Vamos para o sofá, cara.

Ele encosta a testa na lateral da minha cabeça e cambaleia junto comigo, o que dificulta bastante nosso percurso.

— Meu nome não é Cara — protesta, arrastadamente. — É Miles.

Conseguimos chegar à frente do sofá, e começo a afastá-lo de mim.

— Está certo, Miles. Quem quer que você seja, vá dormir.

Ele cai no sofá, mas não solta meus ombros. Caio com ele e tento me soltar imediatamente.

— Rachel, não — implora, agarrando-me pelo braço, tentando me puxar.

— Meu nome não é Rachel — corrijo, soltando-me de sua pegada forte. — É Tãte.

Não sei por que esclareço aquilo, pois duvido que ele se lembre dessa conversa no outro dia. Vou até onde está a almofada e a pego no chão.

Paro antes de devolvê-la a ele, pois agora Miles está de lado, pressionando o rosto na almofada. Segura o sofá com tanta força que os nós de seus dedos estão brancos. A princípio acho que está prestes a vomitar, mas depois percebo que estou incrivelmente errada.

Ele não está *passando mal*.

Está *chorando*.

Muito.

Com tanta intensidade que não está fazendo nenhum som.

Nem conheço esse cara, mas é difícil testemunhar seu sofrimento, tão evidente. Olho para o corredor e depois para ele, perguntando-me se não seria melhor dar a ele certa privacidade. A última coisa que quero é me envolver nos problemas dos outros. Consegui evitar boa parte dos dramas do meu grupo de amigos até agora, e quero que continue assim. O instinto pede que eu me afaste, mas por alguma razão, me compadeço estranhamente dele. Sua aflição parece realmente genuína, não é apenas o resultado do consumo exagerado de álcool.

Ajoelho-me à sua frente e toco seu ombro.

— Miles?

Ele inspira profundamente, levantando o rosto aos poucos para me olhar. Seus olhos são meras frestas vermelhas. Não sei se é por causa do choro ou da bebida.

— Me desculpe mesmo, Rachel — diz ele, erguendo a mão na minha direção. Ele coloca-a na minha nuca e me puxa para perto, enterrando o rosto no espaço entre meu pescoço e ombro. — Me desculpe mesmo.

Não faço ideia de quem seja Rachel ou do que ele fez com ela, mas, se o cara está sofrendo tanto assim, tenho um calafrio só de pensar no que *ela* está sentindo. Fico tentada a encontrar o telefone dele, procurar o nome dela e pedir que venha dar um jeito

nessa situação. Em vez disso, empurro-o delicadamente de volta para o sofá. Arrumo a almofada e o incentivo a se recostar nela.

— Vá dormir, Miles — sugiro, baixinho.

Com os olhos repletos de mágoa, ele se deita na almofada.

— Você me odeia tanto — choraminga, agarrando minha mão.

Seus olhos se fecham mais uma vez, e ele suspira com força.

Encaro-o silenciosamente, deixando-o segurar minha mão até que fique em silêncio, parado, sem mais nenhuma lágrima. Afasto a mão, mas fico do seu lado por mais alguns minutos.

Apesar de estar dormindo, ele ainda parece sofrer imensamente. Está franzindo as sobrancelhas, e sua respiração esporádica não quer se acalmar.

Pela primeira vez, percebo uma discreta cicatriz de uns 10 centímetros de comprimento que percorre uniformemente toda a lateral direita do seu maxilar, terminando a 5 centímetros dos lábios. Sinto uma vontade estranha de tocá-la e passar o dedo por toda a sua extensão, mas em vez disso minha mão vai até seu cabelo. É curto nas laterais e um pouco mais longo em cima, a mistura perfeita de castanho e loiro. Acaricio sua cabeça, consolando-o, embora talvez ele não mereça o gesto.

Talvez esse cara mereça todo o remorso que está sentindo pelo que quer que tenha feito com Rachel, mas pelo menos está sentindo algum remorso. Isso eu preciso reconhecer.

Seja lá o que tenha feito com Rachel, pelo menos ele a ama o suficiente para se arrepender.

capítulo dois

MILES

Seis anos antes

Abro a porta da sala da administração e levo a lista de presença para a mesa da secretária. Antes de me virar para voltar à aula, ela me interrompe com uma pergunta.

— Você está na turma de inglês do último ano do Sr. Clayton, não é, Miles?

— Sim — respondo para a Sra. Borden. — Quer que eu leve alguma coisa para ele?

O telefone na mesa dela toca, e ela assente, pegando o aparelho e cobrindo-o com a mão.

— Espere mais um minutinho — pede, indicando com a cabeça a sala do diretor. — Estamos com uma aluna nova que acabou de se matricular, e ela também está na aula do Sr. Clayton nesse horário. Preciso que a acompanhe até a sala.

Concordo e me jogo numa das cadeiras próximas à porta. Dou uma olhada na sala da administração e percebo que é a primeira vez que me sento aqui nos meus quatro anos de colégio. O que significa que consegui passar esse tempo todo sem me mandarem para a sala do diretor.

Minha mãe teria ficado orgulhosa em saber disso, mas eu fico um pouco desapontado. A detenção é algo que todo garoto deve enfrentar pelo menos uma vez durante o colégio. Tenho o resto do meu último ano para atingir esse objetivo.

Tiro o celular do bolso, torcendo secretamente para que a Sra. Borden me veja com ele e decida me mandar para a detenção. Ao olhar para cima, percebo que ela ainda está ao telefone, mas faz contato visual comigo; simplesmente sorri e continua seus afazeres.

Balanço a cabeça, desapontado, e abro uma mensagem para Ian. Qualquer besteira anima o pessoal por aqui. Nunca acontece nenhuma novidade.

Eu: Uma novata se matriculou hoje. Último ano.

Ian: Gostosa?

Eu: Não vi ainda. Vou levar ela até a sala de aula.

Ian: Tira foto se ela for gostosa.

Me: Tiro. Aliás, quantas vezes ficou de detenção esse ano?

Ian: Duas. Por quê? O que você fez?

Duas? Pois é, preciso me rebelar um pouco mais antes da formatura. Com certeza, é melhor que eu atrase algum dever de casa esse ano.

Sou ridículo.

A porta da sala do diretor se abre, então fecho o telefone. Guardo-o no bolso e olho para cima.

Nunca mais quero olhar para baixo.

— Miles vai acompanhá-la até a sala do Sr. Clayton, Rachel.
— A Sra. Borden aponta na minha direção, e Rachel começa a se aproximar.

Imediatamente fico consciente das minhas pernas e da sua incapacidade de se firmarem no chão.

Minha boca esquece como se fala.

Meus braços esquecem como se cumprimenta alguém para apresentar a pessoa a quem eles pertencem.

Meu coração se esquece de esperar conhecer uma garota antes de começar a rasgar meu peito para chegar até ela.

Rachel.

Rachel.

Rachel, Rachel, Rachel.

Ela é como poesia.

Como prosa e cartas de amor e letras de músicas, cascateando

página

abaixo

bem

no

meio

do

papel.

Rachel, Rachel, Rachel.

Repito o nome dela sem parar na minha cabeça,
pois tenho certeza de que é o nome da próxima
garota pela qual vou me apaixonar.

De repente, estou em pé. Caminhando na direção dela.
Talvez esteja sorrindo, fingindo não estar abalado pelos olhos
verdes que espero que um dia sorrissem apenas para mim. Ou
pelo cabelo ruivo-da-cor-do-meu-coração que parece estar
intacto desde que Deus o criou especificamente para ela.

Estou falando com ela.

Digo a ela que me chamo Miles.

Peço que me acompanhe, e digo que vou
levá-la até a sala do Sr. Clayton.

Estou encarando-a porque ela não disse nada
ainda, mas seu menear de cabeça é a melhor
coisa que uma garota já disse para mim.

Pergunto-lhe de onde é, e ela diz que é do Arizona.

— Phoenix — especifica.

Não pergunto o que a fez vir para a Califórnia,
mas conto que meu pai faz muitos negócios em
Phoenix por ser dono de alguns prédios por lá.

Ela sorri.

Digo que nunca fui a Phoenix, mas que no futuro gostaria de ir.

Ela sorri novamente.

Acho que diz que é uma cidade legal, mas é difícil entender suas
palavras quando tudo que escuto na minha cabeça é seu nome.

Rachel.

Vou me apaixonar por você, Rachel.

O sorriso dela me dá vontade de continuar falando, então faço
mais uma pergunta enquanto passamos pela sala do Sr. Clayton.

Continuamos andando.

Ela continua falando, porque continuo fazendo perguntas.

Ela assente.

Responde algumas.

Responde outras cantando.

Ou é o que parece.

Chegamos ao fim do corredor bem na hora em
que ela diz que espera gostar do colégio, pois
não estava a fim de se mudar de Phoenix.

Ela não parece estar muito contente com a mudança.

Ela não sabe o quanto estou contente com a mudança.

— Onde é a sala do Sr. Clayton?

Fico encarando a boca que acabou de fazer aquela
pergunta. Seus lábios não são simétricos. Seu lábio
superior é um pouquinho mais fino do que o inferior,
mas só se percebe isso quando ela fala. Quando ela fala,
pergunto-me porque as palavras são tão melhores quando
vêm de sua boca do que de todas as outras bocas.

E os *olhos*. É impossível que seus olhos não vejam um mundo
mais bonito e pacífico do que todos os outros olhos.

Fico encarando-a por mais alguns segundos;
depois aponto para trás de mim e digo que
já passamos da sala do Sr. Clayton.

Suas bochechas ficam mais rosadas, como se minha confissão
a tivesse afetado da mesma forma como ela está me afetando.

Sorrio novamente.

Meneio a cabeça na direção da sala do Sr. Clayton.

Caminhamos na direção dela.

Rachel.

Você vai se apaixonar por mim, Rachel.

Abro a porta para ela e aviso ao Sr. Clayton que Rachel
é nova no colégio. Também quero acrescentar a todos
os outros garotos na sala que Rachel não é deles.

Ela é minha.

Mas não digo nada.

Não preciso, pois a única pessoa que precisa
saber que desejo Rachel é *Rachel*.

Ela olha para mim e sorri novamente, sentando-
se no único lugar vazio, do outro lado da sala.
Seus olhos me dizem que ela já sabe que é minha.
É apenas uma questão de tempo.

Quero mandar uma mensagem para Ian dizendo
que ela não é gostosa. Quero dizer que ela é uma
explosão de sabor, mas ele riria disso.

Então, tiro uma foto dela discretamente do meu lugar.

Envio a foto na mensagem para Ian, dizendo:

“Ela vai ser a mãe de todos os meus filhos.”

O Sr. Clayton começa a aula.

Miles Archer fica obcecado.

* * *

Conheci Rachel na segunda.

Hoje é sexta.

Não disse nada para ela desde o dia em que nos conhecemos. Não sei por quê. Temos três aulas em comum. Toda vez que a vejo, ela sorri para mim como se quisesse que eu puxasse assunto. Toda vez que crio coragem, convenço-me do contrário.

Eu costumava ser uma pessoa segura.

Até Rachel acontecer.

Estipulei um prazo. Se até hoje eu não criar coragem, estarei abrindo mão da minha única chance. Garotas como Rachel não ficam disponíveis por muito tempo.

Se é que ela está disponível.

Não sei qual a sua história ou se está envolvida com algum cara lá de Phoenix, mas só existe uma maneira de descobrir.

Estou parado ao lado do armário dela, aguardando-a.

Ela sai da sala e sorri para mim. Dou um oi quando se aproxima do seu armário. Percebo a mesma mudança sutil na cor de sua pele. Gostei disso. Pergunto como foi a primeira semana. Ela me diz que foi boa. Pergunto se fez amizades, ao que ela responde, dando de ombros:

— Algumas.

Sinto seu cheiro sutilmente.

Ela percebe mesmo assim.

Digo que está cheirosa.

Diz:

— Obrigada.

Ignoro o barulho do meu coração disparando nos ouvidos. Desconsidero a camada de umidade que está surgindo nas palmas das mãos. Abafo o som do nome dela, que tenho vontade de repetir bem alto, sem parar. Passo por cima de tudo e encaro-a enquanto pergunto se ela não gostaria de fazer alguma coisa mais tarde.

Mantenho tudo a distância e abro espaço para a resposta, pois é a única coisa que quero.

Na verdade, quero aquele menear de cabeça. O que dispensa palavras. Que só pede um sorriso.

Não o consigo.

Ela tem planos para hoje.

Tudo volta com uma força dez vezes maior, como uma enchente que transborda, da qual sou a barragem. O coração disparado, as mãos suadas, o nome dela, uma insegurança inédita, que jamais imaginei que existia, enterrando-se no meu peito. Tudo isso toma conta de mim, parecendo construir um muro ao redor dela.

— Mas não tenho planos para amanhã — complementa, destruindo o muro com suas palavras.

Abro espaço para essas palavras. Muito espaço.

Deixo-as me invadirem. Absorvo-as como uma esponja. Colho-as no ar e as engulo.

— Amanhã eu posso — confirmo. Tiro o celular do bolso, sem nem me dar ao trabalho de disfarçar o sorriso. — Qual o seu número? Eu ligo para você.

Ela me diz o número.

Ela está empolgada.

Ela está empolgada.

Salvo o contato dela no meu celular, sabendo que vai ficar lá por muito, muito tempo.

E vou usá-lo.

Bastante.

capítulo três

TATE

Normalmente, se acordasse, abrisse os olhos e visse um homem zangado me encarando da porta do quarto, eu gritaria. Tãcaria coisas. Correria até o banheiro e me trancaria lá dentro.

Mas não fiz nada disso.

Encaro-o de volta, pois não entendo como esse é o mesmo cara que estava desmaiado de tão bêbado no corredor. Como é possível ser o mesmo que chorou até pegar no sono na noite anterior?

Esse cara é intimidante. Esse cara está com raiva. Esse cara está me olhando como se eu devesse pedir desculpas ou me explicar.

Mas é sim o mesmo cara da véspera, pois está com a mesma calça jeans e camisa preta com que dormiu. A única diferença na sua aparência entre a noite e aquela manhã é que agora ele consegue ficar em pé sem ajuda.

— O que aconteceu com minha mão, Tate?

Ele sabe meu nome. Será que sabe porque Corbin contou que eu me mudaria para cá ou por realmente lembrar o que falei na noite anterior? Espero que Corbin tenha dito, pois não quero que ele se lembre da véspera. De repente me sinto envergonhada, pois pode se lembrar de quando o consolei enquanto ele chorava antes de dormir.

Mas, aparentemente, ele não faz ideia do que aconteceu com a mão, então espero que isso também signifique que não se lembra de nada depois daquilo.

Está encostado na porta do meu quarto com os braços cruzados na frente do peito. Parece na defensiva, como se eu fosse a responsável por sua péssima noite. Rolo para o lado, querendo dormir mais, apesar de ele achar que estou lhe devendo alguma espécie de explicação. Puxo as cobertas para cima da cabeça.

— Tranque a porta ao sair — respondo, esperando que ele perceba a indireta de que está mais do que na hora de voltar para a casa dele.

— Cadê meu celular?

Aperto os olhos e tento ignorar o som suave de sua voz deslizando pelos meus ouvidos, atravessando todos os nervos do meu corpo e me aquecendo em locais que esse cobertor fajuto não esquentou durante a noite.

Lembro que o dono da voz sensual está parado à porta, fazendo perguntas de um jeito grosseiro sem nem reconhecer o fato de que o ajudei na véspera. Queria saber onde está o meu *obrigado*. Ou o meu *oi, sou Miles, prazer*.

Não consigo nada disso desse cara. Ele está preocupado demais com a mão. E com o celular, aparentemente. Preocupado demais consigo mesmo para pensar em quantas pessoas foram importunadas pelo seu descuido da noite anterior. Se ele e esse comportamento serão meus vizinhos nos próximos meses, é melhor ser logo bem clara.

Tiro as cobertas, levanto, vou até a porta e olho em seus olhos.

— Faça-me o favor de dar um passo para trás.

Surpreendentemente, ele obedece. Continuo encarando-o até a porta do quarto bater na cara dele. Sorrio e volto para a cama. Deito-me e puxo as cobertas por cima da cabeça.

Ganbei.

Já falei que não sou muito de acordar cedo?

A porta abre-se novamente.

Escancara-se.

— Qual o seu problema, cacete? — grita ele.

Solto um gemido, sento na cama e o encaro. Ele está parado na porta mais uma vez, ainda me olhando como se eu lhe devesse alguma coisa.

— *Você!* — respondo, aos berros.

Ele parece genuinamente chocado com minha resposta rude, o que me deixa meio mal. Mas é *ele* quem está sendo um babaca!

Eu acho.

Foi ele quem começou.

Eu acho.

Ele me encara firmemente por alguns segundos, inclina a cabeça um pouco para a frente e ergue a sobrancelha.

— Nós... — Ele move o dedo para a frente e para trás entre nós dois. — Nós ficamos ontem? É por isso que está zangada?

Dou uma risada depois de perceber que tinha razão.

É *ele* quem está sendo o babaca.

E isso é uma maravilha. Sou vizinha de um rapaz que enche a cara durante a semana e que obviamente leva tantas garotas para casa que nem consegue lembrar com quem fica ou não.

Abro a boca para responder, mas sou interrompida pelo barulho da porta do apartamento fechando e pela voz de Corbin gritando:

— Tate?

Salto da cama imediatamente e vou correndo até a porta, mas Miles ainda está bloqueando o caminho, fulminando-me com o olhar, esperando alguma resposta para sua pergunta. Encaro-o

bem nos olhos para responder, mas eles me surpreendem por um breve instante.

São os olhos azuis mais claros que já vi. Completamente diferente dos olhos pesados e vermelhos de ontem à noite. O azul é tão claro que os olhos quase não têm cor. Continuo encarando-os, meio que esperando conseguir ver ondas se prestar bastante atenção. Diria que são tão cristalinos quanto as águas do Caribe, mas na verdade nunca fui ao Caribe, então não tenho como saber.

Ele pisca, o que imediatamente me faz parar de pensar no Caribe e voltar a São Francisco. A esse quarto. À última pergunta que ele fez antes que Corbin chegasse em casa.

— Não sei se dá para dizer que o que fizemos foi *ficar* — sussurro.

Encaro-o, esperando que saia da minha frente.

Ele se empertiga, vestindo uma armadura invisível com sua postura e linguagem corporal rígida.

Pelo jeito, com base no seu olhar inflexível sobre mim, ele não gosta da ideia de nós dois juntos. Quase parece estar me olhando com nojo, o que me faz achá-lo ainda mais desagradável.

Eu não recuo, e nenhum de nós desvia o olhar quando ele sai da frente e me deixa passar. Corbin aparece no corredor quando saio do quarto. Ele fica olhando para nós dois, então rapidamente correspondo seu olhar indicando que isso que ele está pensando não é nem uma remota possibilidade.

— Oi, mana — diz ele, puxando-me para um abraço.

Não o vejo há quase seis meses. Às vezes é fácil esquecer o quanto você sente saudade de alguém até ver essa pessoa novamente. Não é o caso de Corbin. Sinto saudade dele o tempo todo. Por mais que às vezes o excesso de proteção encha o saco, isso também prova o quanto somos próximos.

Corbin afasta-se e puxa uma mecha do meu cabelo.

— Está mais comprido — constata. — Gostei.

Acho que nunca passamos tanto tempo sem nos ver. Estendo o braço e dou um peteleco no cabelo que cai em sua testa.

— O seu também. E eu *não* gostei.

Sorrio para mostrar que estou brincando. Na verdade, gostei desse visual mais desganhado. As pessoas sempre dizem que somos muito parecidos, mas não acho. Sua pele é bem mais escura do que a minha, o que sempre invejei. Nossos cabelos têm o mesmo tom forte de castanho, mas nossas feições são totalmente diferentes, especialmente os olhos. Mamãe dizia que se juntássemos nossos olhos, eles pareceriam uma árvore. Os dele são verdes como as folhas, e os meus, castanhos como o tronco.

Sempre tive inveja de ele ser as folhas, porque verde era a minha cor preferida quando criança.

Corbin assente, cumprimentando Miles.

— E aí, cara. Noite difícil? — pergunta ele, rindo, como se soubesse exatamente o tipo de noite que Miles teve.

Miles passa por nós dois.

— Não sei. Não me lembro.

Ele entra na cozinha e abre o armário, tirando um copo de lá como se sentisse à vontade.

Não gosto disso.

Não gosto de Miles à vontade.

Miles-à-vontade abre outro armário, tira um frasco de aspirina, enche o copo de água e põe duas aspirinas na boca.

— Subiu todas as suas coisas? — pergunta Corbin para mim.

— Não — confesso, olhando para Miles ao responder. — Passei boa parte da noite me preocupando com seu vizinho.

Miles limpa a garganta, nervoso, enquanto lava o copo e o guarda de volta no armário. Seu constrangimento devido à falta de memória me faz rir. Gosto que ele esteja perdido quanto ao que aconteceu ontem à noite. Até meio que gosto de ver que a ideia de ficar comigo o incomoda. Talvez eu continue mantendo o suspense por um tempo só para satisfazer meu prazer doentio.

Corbin lança um olhar em minha direção como se soubesse o que estou querendo fazer. Miles sai da cozinha e olha para mim, depois para Corbin.

— Até já teria voltado para casa, mas não estou encontrando minhas chaves. Você está com aquela cópia?

Corbin faz que sim e vai até uma gaveta na cozinha. Ele abre-a, pega a chave e a joga para Miles, que a agarra no ar.

— Pode voltar daqui a uma hora e me ajudar a descarregar o carro de Tate? Quero tomar banho primeiro.

Miles faz que sim, mas seus olhos desviam-se brevemente para os meus enquanto Corbin vai para o quarto.

— Podemos colocar o papo em dia quando não for tão cedo — diz Corbin.

Já faz sete anos desde a última vez em que moramos juntos, mas pelo jeito ele lembra que não sou muito de falar durante a manhã. Pena que Miles não sabe disso.

Depois que Corbin desaparece dentro do quarto, eu me viro para Miles outra uma vez. Ele já está me olhando como se esperasse alguma coisa, como as respostas às perguntas que me fez mais cedo. Tudo o que quero é que ele vá embora, então respondo todas de uma vez só.

— Você estava apagado no corredor ontem à noite quando cheguei. Eu não sabia quem você era, então, quando tentou entrar aqui, talvez eu tenha batido a porta na sua mão. Não está quebrada. Dei uma olhada, está no máximo contundida. É só colocar gelo e deixá-la enfaixada por algumas horas. E, não, não ficamos. Ajudei você a entrar e depois fui dormir. O seu celular está no chão, perto da porta, onde o derrubou ontem porque estava alcoolizado demais para andar.

Viro-me na direção do corredor, querendo apenas fugir da intensidade nos olhos dele.

Viro de volta quando chego à porta do quarto.

— Quando você voltar daqui a uma hora e eu tiver tido tempo para acordar, podemos tentar isso de novo.

Ele está com a mandíbula trincada.

— Tentar *o quê?*

— Começar com o pé direito.

Fecho a porta do quarto, erguendo uma barreira entre mim e aquela voz.

E aquele *olhar*.

* * *

— Quantas caixas são? — pergunta Corbin.

Ele está perto da porta, colocando os sapatos. Pego minhas chaves no balcão.

— Seis, mais três malas e todas as minhas roupas penduradas.

Corbin atravessa o corredor, bate na porta exatamente na frente da sua, vira-se e segue em direção aos elevadores, então aperta o botão para descer.

— Avisou à mamãe que chegou?

— Sim, mandei uma mensagem ontem à noite.

Escuto a porta do apartamento dele se abrir no instante em que o elevador chega, mas não me viro para vê-lo saindo de casa. Entro no elevador, e Corbin segura a porta para Miles.

Assim que ele aparece, perco a guerra. A guerra que eu nem sabia que estava lutando. Não acontece sempre, mas, quando realmente acho um cara atraente, prefiro que seja alguém com quem *quero* me envolver.

Miles não é essa pessoa. Não quero me interessar por um cara que bebe até cair, chora por outras garotas e nem lembra se comeu você na noite anterior. Mas é difícil não perceber a presença dele quando esta se torna tudo.

— Acho que conseguimos em duas viagens — afirma Corbin para Miles, enquanto aperta o botão do térreo.

Miles está me encarando, e não consigo interpretar seu comportamento, pois ele ainda parece furioso. Encaro-o também, afinal, não importa o quanto ele fica lindo carrancudo: ainda estou esperando o *obrigado* que não escutei.

— Oi — diz Miles, finalmente. Dá um passo para a frente, chega perto demais de mim e estende a mão, ignorando totalmente

a etiqueta de elevador. — Miles Archer. Moro no apartamento da frente.

E estou confusa.

— Acho que isso já ficou claro — retruco, olhando para sua mão estendida.

— Estou começando de novo — explica, erguendo a sobrancelha. — Com o pé direito, não?

Ah. Sim. De fato, falei isso para ele.

Seguro a mão dele e a aperto.

— Tate Collins. Sou a irmã de Corbin.

A maneira como ele dá um passo para trás e continua me encarando me deixa um pouco constrangida, pois Corbin está a 30 centímetros de distância. No entanto, não parece se importar. Ele nos ignora, prestando atenção no celular.

Miles finalmente desvia o olhar e tira o celular do bolso. Enquanto ele não está prestando atenção em mim, aproveito a oportunidade para observá-lo.

Chego à conclusão de que a aparência dele é completamente contraditória. É como se dois criadores diferentes estivessem em guerra quando a imagem dele foi concebida. A força da sua estrutura óssea contrasta com o encanto macio e convidativo dos lábios. Eles parecem inofensivos e acolhedores em comparação às feições grosseiras e à cicatriz no lado direito do maxilar.

O cabelo é incapaz de decidir entre castanho e loiro, e entre ondulado ou liso. Sua personalidade alterna entre convidativa e insensivelmente indiferente, deixando confusa a minha capacidade de distinguir quente e frio. O jeito casual luta contra a intensidade que vi em seus olhos. A compostura daquela manhã contradiz o estado embriagado da noite anterior. Seus olhos não conseguem decidir se querem olhar para o celular ou para mim, pois vão e voltam várias vezes até a porta do elevador se abrir.

Paro de encará-lo e saio do elevador primeiro. Cap está sentado em sua cadeira, vigilante como sempre. Olha para nós três saindo do elevador e se ergue, apoiando nos braços da cadeira e

levantando-se lenta e tremulamente. Corbin e Miles cumprimentam-no e continuam andando.

— Como foi sua primeira noite, Tate? — pergunta com um sorriso, parando-me no meio do caminho.

Não me surpreende que ele já saiba o meu nome, pois sabia o andar para o qual eu ia ontem à noite.

Olho para a parte de trás da cabeça de Miles enquanto eles seguem em frente sem mim.

— Movimentada, na verdade. Acho que meu irmão escolheu mal suas companhias.

Olho para Cap, que agora também está encarando Miles. Seus lábios enrugados pressionam-se formando uma linha fina, e ele balança levemente a cabeça.

— Ah, acho que aquele garoto não faz de propósito — diz ele, rejeitando meu comentário.

Não sei se “aquele garoto” se refere a Corbin ou Miles, mas não questiono.

Cap vira-se e começa a se arrastar na direção dos banheiros da portaria.

— Acho que mijei nas calças — murmura.

Observo-o desaparecer pela porta do banheiro, perguntando-me em que momento da vida a pessoa se torna velha o suficiente para ter permissão para falar o que quiser. Apesar de Cap parecer o tipo de homem que *sempre* falou o que quisesse. Meio que gosto disso nele.

— Tate, vamos! — grita Corbin do outro lado da portaria.

Alcanço-os para mostrar onde está meu carro.

Precisamos de três viagens, e não duas, para subir todas as coisas.

Três viagens inteiras em que Miles não diz uma única palavra para mim.